

## RELATO PIBID DANÇA: ALIANDO EDUCAÇÃO AMBIENTAL E EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Gilmara Neves Moura <sup>1</sup>  
Marisa Martins Lambert <sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho apresenta um relato de experiência de uma participante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – Subprojeto Dança, com a temática “Educação Ambiental”. A proposta parte da vivência em sala de aula na E.M.E.F. Virgínia Mendes Antunes de Vasconcelos, escola localizada na periferia da cidade de Campinas. Junto a uma colega bolsista, a autora busca criar espaços para experiências em arte, com enfoque na dança, que envolvam relações entre corpo, ambiente e natureza. A pesquisa parte da tentativa de dialogar com o planejamento da professora supervisora, estruturado a partir do livro didático Buriti Mais – Arte (do Programa Nacional do Livro Didático), integrando-o de maneira criativa à práticas de educação ambiental, com base na Carta da Terra na Educação (2010), de Moacir Gadotti, mantendo a essência do ensino em artes. Para isso, a autora utiliza como apoio as dimensões do conhecimento propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) - fruição, reflexão, criação, crítica, estesia e expressão -, que indicam ações fundamentais para o ensino de artes e contribuem para a construção de espaços onde ‘corpomento’ e ambiente possam se integrar de forma significativa, sem abandonar o currículo. Desta maneira, a autora sonda como atividades práticas artísticas, nas quais o corpo participa de maneira mais autônoma e consciente, podem proporcionar ambientes férteis e acolhedores para criação, facilitadores do desenvolvimento de conhecimentos e construtores de um senso de ecologia e pertencimento.

**Palavras-chave:** PIBID Dança, arte na infância, educação e natureza, corpo e espaço.

### INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa é realizada quase que despretensiosamente, pois acontece por meio desta incessante busca de conexão entre processos de ensino, professor, aluno e mundo – trama de interações dinâmicas plenas de acontecimentos e relevâncias sociais. Trata-se desta busca

<sup>1</sup>Graduando do Curso de Dança - habilitação em Licenciatura - da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp - SP, [g117022@dac.unicamp.br](mailto:g117022@dac.unicamp.br);

<sup>2</sup> Professora Associada do Curso de Dança da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, SP. Coordenadora de área do Subprojeto PIBID Dança Unicamp, [marisaml@unicamp.br](mailto:marisaml@unicamp.br)



continuada de quem inicia a vida na prática docente e deseja ser artista-pesquisadora de seus próprios fazeres. Eu, autora deste relato, sou integrante do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência na área de Artes pela segunda vez. No prosseguir da experiência, me sinto cada vez mais natural neste ambiente da prática docente – vou compreendendo que a pesquisa é contínua e movente, bem como o mundo, que vive em constante movimentação e transformação. Ainda assim, encontrarmos algumas rigidezes nos espaços de ensino que são desafiadoras para a sala de aula. E é por isso que eu sigo quase despretensiosamente meu processo de pesquisa pedagógica, hoje em percurso institucional e formal<sup>3</sup>, mas um dia deixará de ser. A pesquisa, no entanto, seguirá intrínseca à profissão docente. E o ensino das Artes, acredito, também seguirá contribuindo para a compreensão e acolhimento das mudanças do mundo, promovendo críticas e reformulações de imaginários e ações de integração e resistência.

A prática investigativa constitui o modo de produção e organização dos conhecimentos em Arte. É no percurso do fazer artístico que os alunos criam, experimentam, desenvolvem e percebem uma poética pessoal. Os conhecimentos, processos e técnicas produzidos e acumulados ao longo do tempo em Artes visuais, Dança, Música e Teatro contribuem para a contextualização dos saberes e das práticas artísticas. Eles possibilitam compreender as relações entre tempos e contextos sociais dos sujeitos na sua interação com a arte e a cultura (BNCC, 4.1.2 ARTE, p. 193).

Este relato nasce de vivências no campo de atuação realizadas na EMEF Virgínia Mendes Antunes de Vasconcelos, no bairro Jardim Maria Rosa em Campinas (SP), uma das escolas parceiras onde a autora se alocou. Para contextualização, no edital atual (CAPES – nº 10/2024), o Subprojeto PIBID Dança se compôs por: 24 bolsistas, todas alunas da graduação em dança com habilitação em licenciatura em artes; 3 professoras supervisoras graduadas por este mesmo curso e atuantes na rede de ensino municipal da região de Campinas, com participação no Fundamental I, Fundamental II e/ou Ensino Para Jovens e Adultos (EJA), e 3 coordenadoras de área, docentes do Departamento de Artes Corporais da Unicamp, que abriga o Curso de Dança.

O intuito do trabalho envolveu compreender como desenvolvemos nossa visão de futuras docentes em formação diante dos desafios e possibilidades do ensino de artes, que deve abordar todas as linguagens exigidas por lei (dança, teatro, artes visuais e música) em

<sup>3</sup>Além de participar do subprojeto PIBID Dança, estou no momento finalizando meu trabalho de conclusão de curso (TCC) de Licenciatura em Dança.



contato vivo com a realidade das salas de aula, desde o planejamento até a prática docente efetiva, ainda que a professora responsável tenha formação específica em apenas uma linguagem. Pela primeira vez em 10 anos que o Curso de Dança integra o programa PIBID, temos como supervisoras de ensino professoras formadas em dança e, portanto, nos interessou também compreender como esta especialidade pode, inclusive, ser potência disparadora de modos de ensino e aprendizagem (ou desenvolvimento) de outras linguagens artísticas. Intencionamos olhar para o corpo, neste edital, como protagonista e elemento interdisciplinar nas artes. Além disso, também tem sido ponto relevante em nosso processo o cruzamentos da temática do Subprojeto Dança com a temática da Educação Ambiental, o que me inspirou a um aprofundamento na intersecção corpo-dança-natureza. Para favorecer nossa inserção no contexto da escola parceira, foi também foco do subprojeto a dedicação das bolsistas quanto a observação do modo de fazer pedagógico da nossa supervisora, os conteúdos e estratégias de planejamento de suas aulas, assim como a atenção ao modo que as turmas respondem, sentem e absorvem as propostas de ensino. Desta maneira, todas estas questões foram motivadoras do desenvolvimento das atividades pedagógicas realizadas durante o primeiro semestre de 2025, nas turmas do 4º, 2º e 3º ano do fundamental I.

Inspirada em autores como Flavia Pilla do Valle e Rubiane Falkenberg Zancan (2023) conhecimentos, processos e técnicas acumulados ao longo do tempo em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro contribuem para a contextualização dos saberes e práticas artísticas, possibilitando compreender as relações entre tempos e contextos sociais dos sujeitos em sua interação com a arte e a cultura. As autoras defendem a dança na escola como um saber processual que possibilita a leitura, através do espectro dos sentidos corporais, sensível e crítica do mundo. Seus dizeres reforçam sobre criação:

A criação, termo tão caro às artes em geral, é exercitar a imaginação, sua capacidade de escolha, de outros modos de fazer e de crítica. Não seria isso um caminho fundamental para formar um cidadão? (Valle; Zancan, 2023, p. 16).

Compreendo que o ensino de artes que considera o corpo, a linguagem da dança é também um gesto político e que, portanto, considerando o tema da educação sustentável, poderá ser uma forma de reconectar corpo e planeta, estética e ética, criação e cuidado, segundo nos aponta o educador e escritor Moacir Gadotti (2009). Ele também pontua que a educação sustentável “[...] se preocupa com o sentido mais profundo do que fazemos com a



nossa existência, a partir da vida cotidiana” Gadotti (2009, p. 9). Investigar o que fazemos, penso que começa na sensibilização, na percepção, na escuta e na relação com o meio, com os espaços identificando o que há, ou não de natural. É preciso encontrar modos de ampliar as frestas, dando lugar ao vazio para caber reflexão, criação, descoberta. É neste entrelaçamento que se situa este relato, centrado no ensino das artes com enfoque em dança que deseja se encontrar com a educação sustentável como via de formação sensível e cidadã.

## METODOLOGIA

Como bolsista do PIBID Dança, tracei como objetivo pessoal estar ativa tanto na sala de aula quanto fora dela, acompanhando e participando do planejamento das atividades (reuniões, pesquisa didáticas e produção de materiais pedagógicos), com o desejo de me aproximar da prática docente de forma efetiva. Na primeira vez em que integrei o PIBID Artes (maio/2023 - abril/2024), mantive-me mais observadora, pois percebi que a dinâmica escolar que habitava meu imaginário, moldada pela minha própria trajetória como estudante nos anos 90 e 2000, já não era parâmetro para leitura da realidade. Agora, como aluna do nono semestre de graduação em dança, com a formação em bacharelado concluída e a licenciatura em andamento, percebo que meus medos de errar se dissipam pouco a pouco. Compreendo que o compromisso com a observação atenta, o estudo dos temas e conceitos, as reuniões semanais do PIBID Dança que promovem reflexões individuais e coletivas, são os alicerces sobre os quais se constroem as propostas pedagógicas. É nesse espaço entre o fazer e o pensar que a pedagogia da arte se concretiza, pois, como aponta Gilberto Icle (2012, p. 21): “Pedagogia da Arte não é ensinar arte, mas fazer das artes estratégias, mecanismos, dispositivos capazes de transformar todos os seus partícipes”.

Foi a partir dessa base que atuei neste primeiro semestre de 2025.

Como já mencionado, iniciei minha participação acompanhada de uma colega pibidiana, Maya Matta Lopes, na Escola Virgínia Mendes, uma escola pequena, com apenas uma turma por ciclo, exceto o 5º ano, que conta com duas turmas. Passamos a acompanhar as turmas do 2º, 3º e 4º anos junto à professora Raquel Machado Pereira<sup>4</sup>, nas manhãs de

<sup>4</sup>Mestra em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas (2017), Bacharela e Licenciada em Dança pela mesma Universidade (UNICAMP -2011), Professora de Artes da rede Municipal de Campinas/SP e Artista

segunda-feira. Raquel fazia uso constante do livro *Buriti*<sup>5</sup>, que orientava o percurso das aulas em todas as turmas. Era o início do ano letivo: cadernos novos, desenhos colorindo as páginas e o carnaval atravessando o cotidiano. Com o passar das semanas, sentimos a necessidade de sair do modo “sentado”, de diversificar os materiais de criação e manipulação, e de trazer outras referências teóricas além do livro didático. No início, eu via o *Buriti* com certa desconfiança, parecia-me limitado, pouco vivo diante das urgências e especificidades de cada grupo. Entretanto, por meio das reuniões com a professora Raquel e dos estudos coletivos da BNCC realizados entre os pibidianos por condução das coordenadoras de área, compreendi que o livro é um incrível aliado como um mapa de percurso: uma estrutura que orienta o trajeto curricular, mas que permite criar paradas, atalhos e desvios, sem perder de vista a progressão dos conteúdos prevista na educação formal. Com esse eixo de sustentação, foi possível estudar os conteúdos sem enrijecer e experimentar, criar sem se perder.

Assim, entremeamos nossos desejos de trazer o movimento para a sala de aula com o eixo temático do subprojeto PIBID Dança - Educação Ambiental - articulando-o aos conteúdos do livro didático. A partir desse diálogo, desenvolvi dois projetos com minha colega Maya, **Deriva à Natureza “Morta”** e **Minhas Contas**, e um terceiro projeto individualmente: **Curso das Águas**.

Em **Deriva à Natureza “Morta”**, realizada com o 4º ano, partimos do estudo do movimento artístico da Natureza Morta. As crianças experimentaram releituras em desenho, escultura com massinha e composições imaginadas com objetos cotidianos. A partir dessas experiências, propusemos uma deriva pelos espaços da escola e a partir desta ação que coloca o corpo em observação, sensível ao entorno e atento à detalhes, criamos composições com elementos naturais encontrados pelos estudantes na escola, projetos artísticos que foram registrados por meio da fotografia. Para inspirar o olhar e discutir a diferença entre composição de natureza morta<sup>6</sup> e instalação<sup>7</sup> apresentamos obras como *Tropicália* (Hélio

da Dança/Produtora do Grupo Dançaberta.

<sup>5</sup>A natureza-morta é a representação de uma ‘natureza parada, inerte, composta de objetos e/ou seres inanimados’ (Canton, 2004 *apud* Valle; Corrêa, 2017, p. 430)

<sup>6</sup>As instalações são obras que acontecem no encontro entre corpo e espaço, ou seja, a sua existência depende da vivência, a obra só se realiza quando o corpo a atravessa.

<sup>7</sup>Os *Viewpoints* são uma técnica de treinamento, improvisação e composição cênica, inicialmente criada como *Six Viewpoints* pela coreógrafa **Mary Overlie** na década de 1960. Posteriormente, foi desenvolvida e sistematizada para o teatro pela diretora **Anne Bogart** e a SITI Company. A técnica consiste em um vocabulário para articular e analisar as categorias de tempo e espaço na cena (p. ex., Duração, Repetição, Forma,

Oiticica, 1969), *Floresta de Infinitos* (Ayrson Heráclito e Tiganá Santana, 2023), *Maçãs e Laranjas* (Paul Cézanne, 1900), *Natureza-Morta* (Estevão Silva, data desconhecida) e *Infância* (Nina Moraes, 1980). A proposta envolveu as dimensões da fruição, da estesia e da criação propostas pela BNCC.

Em **Minhas Contas**, título emprestado do livro infantil de Luiz Antonio - texto - e Daniel Kondo - ilustrações (2008), que inspirou e acompanhou esta atividade, disponível na biblioteca da escola, planejamos uma sequência de três aulas com as turmas do 2º e 3º anos. O 2º ano estudava máscaras teatrais e/ou ritualísticas de diferentes culturas (africanas, gregas e indígenas), enquanto o 3º ano investigava espaços arquitetônicos de arte, como museus, bibliotecas e teatros. Motivadas por esses conteúdos, propusemos práticas corporais e cênicas que incluíram coralidades, muito presentes no teatro grego, e exercícios corporais que exploraram níveis espaciais, tamanho (do gesto no espaço) e velocidade do movimento, bem como exercício coletivo de “siga o mestre” inspirado em ViewPoints<sup>8</sup>. Após a leitura e discussão do livro, que relaciona sentimentos humanos a fenômenos naturais, com nosso auxílio as crianças criaram uma releitura cênica, corporal, coletiva da narrativa. Essa proposta almejou desenvolver as dimensões de fruição, reflexão, crítica e criação propostas pela BNCC.

Por fim, **Curso das Águas** foi desenvolvido com base nos estudos do 4º ano sobre pinturas marítimas e paisagens aquáticas, e com o 2º ano, que investigava os elementos da natureza. Inspirada em materiais pedagógicos do canal do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), propus uma atividade em que as crianças confeccionaram barcos de papel com a professora Raquel e, em seguida, pintaram um caminho d’água - um aquífero, mar, lagoa, poça ou cachoeira - utilizando tintas guache diluídas. A intenção aqui foi imergir em uma experiência em que a fisicalidade da água - armazenada nos recipientes, em gotas ou escorridas no papel - e seus sons - através da música mecânica e do instrumento pau-de-chuva - pudessem influir na movimentação corporal. A pergunta foi: como essas águas movem meu corpo e como meu corpo move essas águas? Essa proposta buscou envolver as dimensões da estesia, expressão e reflexão propostas pela BNCC.

Arquitetura), com o objetivo de gerar ação orgânica e colaborativa.

<sup>8</sup> Playlist para atividade/aula Curso das Águas. Disponível em <https://open.spotify.com/playlist/0f7hg5V5mGZS4A0JvBhhCV?si=lnUAXUtrSMGfvhn3KxDw&pi=hWBaDSIKQkSMd> Acesso em 18 out. 2025.

Assim se delineou o modo como criação e prática pedagógica se entrelaçaram nesta pesquisa: um esforço de integrar dança, natureza e ensino de artes na infância, expandindo a experiência de aula para além da carteira e do caderno. Essa ampliação se aproxima da reflexão de Valle e Zancan:

É o corpo que interage com o ambiente. Então, atua-se no corpo através do movimento e da dança [...] É através do corpo que se estabelece a relação com o outro, assim como é pelo corpo que se percebe a dança como objeto estético (Valle; Zancan, 2023, p. 8).

Trata-se de um convite à vivência sensível e criativa, onde o corpo, o gesto e o ambiente se tornam caminhos de aprendizagem e invenção.

## RESULTADOS

E

## DISCUSSÃO

As propostas pedagógicas construídas buscaram criar pontes entre os conteúdos curriculares e as vivências corporais, despertando nas crianças uma relação mais sensível com o ambiente e com o próprio corpo. Para apresentar essa experiência, mantenho a divisão das atividades realizadas: 1. Deriva à Natureza “Morta”; 2. Minhas Contas e 3. Curso das Águas.

### 1. Deriva à Natureza “Morta” — 4º ano

A partir do tema natureza-morta, estudado no livro didático, desenvolvemos uma proposta inspirada nas práticas de deriva realizadas durante a graduação, na disciplina Ateliê de Prática e Ensino da Dança II, ministrada pela professora Marisa Lambert (2021). Iniciamos com uma breve introdução expositiva, abordando a diferença entre instalação e composição. Em seguida, as crianças foram divididas em dois grupos e convidadas a caminhar pelo espaço da escola com um roteiro de tarefas poéticas, como: “colocar a planta maior no chão e pular sobre ela sem tocá-la, recolhendo-a depois”; “sentir o vento e correr para onde ele leva”; “dar pulos até encontrar algo que possa voar”. Ao todo, foram dez tarefas que estimularam a observação, a escuta do espaço por meio dos sentidos e o gesto de recolher elementos naturais que despertassem curiosidade e imaginação. De volta à sala, as crianças criaram composições coletivas, suas próprias naturezas-mortas, e as registraram em fotografias, elegendo

coletivamente uma única foto que representaria o grupo. O entusiasmo com o processo foi tão grande que surgiram registros individuais, feitos a partir de diferentes ângulos.

O plano inicial previa a criação de um vídeo tipo *stop motion* (uma técnica de animação que cria a ilusão de movimento a partir de uma sequência de fotografias de objetos estáticos com pequenas alterações entre cada quadro) que mostraria a transformação da mesma composição ao longo de seis a oito semanas, revelando as mudanças dos materiais (folhas, galhos, frutos, ferro, plástico). Contudo, a ausência de uma sala de artes e a limitação de espaço físico dificultaram a continuidade. Ainda assim, o segundo registro, feito na semana seguinte, já evidenciava o tempo como elemento artístico, um agente de transformação da própria obra.

O processo revelou não apenas uma nova forma de olhar o cotidiano, mas também a importância da observação, da escolha e da autoria como gestos artísticos e pedagógicos. Como apontam Valle e Zancan (2023, p. 14), “A criação é também uma experimentação, uma aventura ao diferente e diverso que pode ser relacionado consigo mesmo, com sua poética pessoal e com modos de fazer de uma cultura”. Essa experiência corporifica uma brecha, onde o olhar das crianças transformaram o espaço escolar em um campo poético.

## 2. Minhas Contas — 2º e 3º anos

Inspiradas no livro *Minhas Contas*, de Luiz Antonio e Daniel Kondo (2008), propusemos atividades que integraram literatura, dança e teatro. O texto aborda o rompimento de uma amizade entre dois meninos negros em razão da intolerância religiosa. As emoções do personagem Nei são expressas por meio das forças da natureza, que por sua vez se relaciona aos Orixás, divindades da cultura e religião de Nei. Vimos neste livro uma oportunidade de trabalhar eixos da cultura afro-diaspórica, da observação dos fenômenos naturais como metáforas de sentimentos que podem se traduzir em autoconhecimento para as crianças.

A primeira aula foi inteiramente dedicada à prática corporal. Na quadra, exploramos diferentes tamanhos (pequeno, médio e grande) e velocidades de movimento, transitando pelos níveis do espaço (baixo, médio e alto). A atividade evoluiu para o exercício das coralidades (danças em uníssono), em que as crianças se agrupavam e uma delas, chamada de maestro, conduzia o movimento do grupo, em um jogo coletivo de atenção e improviso. Na



segunda aula, afastamos as carteiras e realizamos uma roda de leitura e conversa sobre o livro. Após o diálogo, fizemos um aquecimento corporal e iniciamos a criação de uma encenação inspirada na narrativa. Os desafios propostos foram: a) delimitar um quadrado no chão como *espaço cênico*, onde toda ação seria válida como parte da história; b) construir uma narrativa coletiva, sem personagens fixos, em coralidade; c) criar cenas não faladas, com possíveis sons não verbais apenas; d) definir coletivamente os níveis, direções, tamanhos e velocidades dos movimentos. Na terceira aula, concluímos a coreografia/encenação, traduzindo corporalmente toda a narrativa.

No 3º ano, encerramos com uma roda de reflexão sobre o processo; no 2º ano, o tempo foi insuficiente para esse fechamento. A experiência, contudo, revelou-se fértil: as crianças incorporaram repertórios próprios, como gestos da capoeira, do futebol e de brincadeiras cotidianas, traduzindo em corpo o imaginário das águas, da terra, do vento e do fogo. A turma do 3º ano foi adiante no processo se mostrando uma turma com grande força corporal expressiva, e levou a cena coletiva à *Mostra da Festa da Família* (festa anual da escola que ocorreu em setembro de 2025), ampliando o espaço de construção de sentido em artes através do compartilhamento.

### 3. Curso das Águas — 2º e 4º anos

Na sequência, trabalhamos com a temática da água, inspiradas em propostas pedagógicas do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP)<sup>9</sup>. As crianças confeccionaram barcos de papel, que permaneceram nas carteiras enquanto íamos ao pátio, onde haviam recipientes com águas coloridas em tons de verde, azul e marrom, evocando as cores da natureza. Utilizando seringas e papéis grossos em tamanho A3, as crianças foram convidadas a gotejar águas coloridas e então guiar o fluxo das gotas com o corpo, deixando que o gesto fluido e o acaso se tornassem parte da composição. Ao som de uma trilha com ruídos aquáticos (em uma playlist do spotify)<sup>10</sup> experimentaram o ritmo da água em movimento. Enquanto aguardavam a vez, também puderam explorar o som do *pau-de-chuva*, descobrindo correspondências entre som, tempo e gesto.

<sup>9</sup> Proposta pedagógica, passo a passo, do MAM-SP Disponível em: [https://youtu.be/BQ\\_KDzDz7XQ?si=oyxPmFQRaWT4rxu5](https://youtu.be/BQ_KDzDz7XQ?si=oyxPmFQRaWT4rxu5) Acessado em 12 nov. 2025.

<sup>10</sup> Livro Didático Buriti. Disponível em: <https://pnld.moderna.com.br/colecao/fundamental-1/arte/buriti-mais-arte/> Acesso em 20 nov. 2025.



De volta à sala, deixamos os papéis sobre as carteiras, mares, rios, lagos, poças e cachoeiras para que os barquinhos navegassem. Muitos brincaram livremente, outros mais contidos, pouco observei narrativas sendo criadas, assim restando quinze minutos, propus uma roda de conversa: o que aquelas atividades da manhã lembravam ou chamavam a atenção deles? As respostas foram variadas e trouxeram lembranças de brincadeiras na chuva, técnicas de pintura com água e tinta, memórias de família e reflexões sobre as águas escuras, que despertaram certa estranheza. Não ofereci respostas, pois o que pretendia mesmo era fomentar a curiosidade, os questionamentos. Solicitei uma observação das águas cotidianas durante as férias de julho, aquela foi a última aula do primeiro semestre. O que me chamou atenção foi o quanto a água marrom de guache era tão escura que causou incômodo “(seria esta a cor da água dos rios poluídos de nossa cidade?)” e revelou, assim, a potência da experiência estética como provocação, um micro manifesto.

Com o 2º ano, a atividade foi mais agitada, mesmo assim os momentos de experimentação corporal e sensorial foram significativos. Contudo, a falta de tempo para o diálogo final não trouxe a mesma qualidade para a atividade, pois só nos restaram uns três minutos de aula. Alguns alunos falaram rapidamente, e logo a pedagoga da turma chegou e fomos embora, isso limitou a troca reflexiva revelando a necessidade de espaços para o diálogo e reflexão acompanhando a prática. É importante aliar estes momentos para endossar o processo de aprendizagem.

Essas experiências confirmam o potencial da arte como campo de sensibilização, criação e formação crítica. Ao longo das práticas, percebi que as crianças responderam de maneira espontânea e inventiva, ainda que o tempo para a reflexão tenha sido curto. O aprendizado artístico não se resume ao fazer: ele também habita o tempo da escuta, da palavra e do silêncio. É nesse espaço-tempo ampliado, entre gesto e pensamento, que o ensino da arte se afirma como experiência viva, sensível e transformadora.

## CONSIDERAÇÕES

## FINAIS

Percebo, ao longo deste primeiro semestre no PIBID Dança, que posso dividir minha experiência em dois objetivos, um de desenvolver minha capacidade de propor atividades de educação artística significativas, que ofereçam experiências sensíveis, afetivas, criativas e de





aprendizado. Nesse ponto me sinto subindo degraus e reconheço a imensa importância que o PIBID tem no meu desenvolvimento prático-intelectual e profissional. Vislumbro um futuro como professora de artes, graças ao PIBID Artes e PIBID Dança, que firmou em mim artista-educadora o chão da escola como campo fértil do fazer artístico crítico e transformador. Como segundo objetivo, procurei encontrar caminhos para uma educação artística voltada ao eco-pertencimento, o que acredito ser um desafio muito maior e contínuo. Ainda não noto grandes transformações, mas reconheço que cada gesto, por menor que seja, é uma semente. A educação sustentável, como defende Gadotti (2009), deseja uma formação que nos compreenda como parte da vida planetária, e não como meros visitantes. Despertar o olhar das crianças para os elementos da natureza e criar com base nessa observação é um primeiro passo, uma migalha poética que aproxima o ensino da arte da vida sensível.

Tenho me questionado sobre a qualidade do que permanece após as atividades: o que realmente fica nas crianças? Será que as experiências ressoam para além da aula? Essas perguntas me movem e me fazem desejar planejar com mais profundidade, abrindo espaço para o tempo da conversa, da reflexão e de cavidades criadoras, perseguindo aquele silêncio fértil onde o novo pode nascer.

A arte, assim como a natureza, ensina o ritmo do tempo. E talvez seja justamente aí, nesse compasso entre corpo, gesto e mundo, que reside o verdadeiro aprendizado.

## AGRADECIMENTOS

Agradecimento em especial ao Subprojeto Dança do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID Dança) da Unicamp, à coordenadora e co-autora Marisa Lambert por suas contínuas mensagens de encorajamento e todo o suporte na escrita deste relato, à supervisora e professora Raquel Pereira que nos acolhe e abre espaço com muita generosidade para o nosso desenvolvimento como futuras docentes, às minhas queridas amigas e parceiras pibidianas que me encorajam e dão verdadeiro suporte para minhas realizações acadêmica e por fim à minha família que é minha rede de apoio e propulsão na trilha do caminho profissional que acredito e amo. Um abraço afetuoso em todos vocês.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

Disponível

em:

[https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)

Acesso em: 20 nov. 2025.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Carta da Terra**. Brasília: MMA, [s.d.]. Disponível

em: <https://antigo.mma.gov.br/educacao-ambiental/pol%C3%ADtica-nacional-de-educa%C3%A7%C3%A3o-ambiental/documentos-referenciais/item/8071-carta-da-terra.html>.

Acesso em: 5 maio 2025.

VALLE, Flavia Pilla do; ZANCAN, Rubiane Falkenberg. Dança na escola... para quê?

**Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 1-33, jan./mar.

2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2237-2660123696vs01>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbep/a/T5hksQwjcGMdnSVw4mssbyR/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 20 nov. 2025.

ICLE, Gilberto. **O que é pedagogia da arte?** In: ICLE, Gilberto (org.). *Pedagogia da Arte: entre-lugares da escola – volume 2*. Porto Alegre: Editora da UFGRS, 2012. p. 11-22.

GADOTTI, Moacir. Ecopedagogia, Pedagogia da terra, Pedagogia da Sustentabilidade, Educação Ambiental e Educação para a Cidadania Planetária: Conceitos e expressões diferentes e interconectados por um projeto comum. **Centro de Referência Paulo Freire**, 2009. Disponível em: <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/9dd56873-4376-4643-b8ad-1250a54e7c66/content> Acesso em: 20 nov. 2025.

ANTONIO, Luiz. **Minhas contas**. Ilustrações de Daniel Kondo. 2. ed. São Paulo: Grua, 2022